

PPG-IME Entrevista

16 de dezembro de 2019



Biografia

Ronaldo Alves Garcia é professor do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 1985, e bolsista produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 1989. Além disso, foi secretário da diretoria da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) no período de julho de 2009 a julho de 2013, membro do conselho diretor da SBM no período de agosto de 2013 a julho de 2017, e editor-chefe das coleções Coleção Textos Universitários (CTU) e Coleção Professor de Matemática (CPM) da SBM e da Revista do Professor de Matemática online.

Ronaldo Garcia é engenheiro de formação, mas matemático no DNA. Não é afeito a filmes muito “água com açúcar” ou com “final feliz”; prefere os que narram a essência humana. É uma pessoa sem “hobbys”, que gosta de muita coisa, mas realiza poucas. Possui dificuldade em classificar músicas, de modo que acaba sendo eclético. Aprecia livros de poemas, contos ou crônicas, além daqueles com mensagens curtas, como os de Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis, e recomenda a obra *Chance and Chaos*, de David Ruelle, bem como o livro de discursos de Henri Poincaré. Na entrevista que se segue, o professor Ronaldo Alves Garcia fala sobre sua graduação em Engenharia, sua experiência na França, alunos e aposentadoria.

Engenharia

O que o motivou a mudar de Engenharia para Matemática?

Essa pergunta já me fiz várias vezes e agora estou no processo inverso, estou querendo voltar para Engenharia.(risos)

Quando comecei o curso de Engenharia, comecei a fazer as disciplinas básicas e o professor Genésio, que todo mundo conhece, foi meu professor de Geometria Analítica. Ele achou que eu tinha alguma habilidade em Matemática e me convidou para fazer disciplinas isoladas do mestrado. Comecei a fazer as disciplinas do mestrado em paralelo com o curso de graduação. Quando terminei a graduação, eu terminei a graduação em Engenharia e o mestrado. Fiquei em um impasse! Na época, tinham, não confirmadas, duas propostas de emprego de Engenharia e a bolsa do IMPA. Escolhi o doutorado. Meu raciocínio foi o seguinte: “Se der errado, eu volto para Engenharia”. E estou na Matemática até hoje. (risos) Existem muitas pessoas que fazem Engenharia e não se identificam com o curso. Eu me identifiquei; fiz o curso o melhor que eu achei que podia fazer. Como não fiz graduação em Matemática, paguei um preço de aprender muita coisa sozinho. Algumas coisas eu aprendi certo, outras aprendi errado, então, até hoje considero que tenho lacunas de formação.

É difícil alguém falar em deficiência de formação tão abertamente. Em quais tópicos o senhor considera que possui deficiência?

Deficiência em todos. Mas eu acho assim... algumas coisas na vida você precisa aprender na hora certa. Se você não aprende na hora certa, depois você vai ficar sempre “capenga”. Então, uma coisa que eu gostaria de ter aprendido bem, por várias razões, é a Probabilidade. Probabilidade eu entendo, mas é uma coisa que não está no meu sangue; eu aprendo, mas esqueço. (risos) Eu sei que sou muito ruim para contar. Lá na Engenharia tem umas disciplinas de planejamento de sistemas que é Probabilidade pura, só que nosso modelo da Engenharia era simples, coisas corriqueiras. Mas, Probabilidade para valer, não! Outra coisa que vejo hoje, que não é bem uma deficiência, mas falta de oportunidade de ter aprendido na época, seria a Matemática Computacional. A parte de Matemática Computacional eu não fiz, o que sei fazer é “na raça”. Mas tem muita coisa que eu acho que para quem está novo hoje não tem como, não precisa ficar especialista, mas tem que saber, pelo menos o básico. Nos meus cursos, eu tento incentivar os alunos a fazer uso da tecnologia, mas é difícil, a resistência é grande. Não uso em sala de aula essas coisas com alta performance, como

data show, porque eu acho que não vale a pena. Na minha visão, na Matemática você precisa dar tempo para o cérebro pensar. No momento em que você escreve com giz, por mais que seja tradicional, o aluno aproveita mais, se ele quer pensar. Se ele não quer pensar, não adianta, pode ser que eu esteja muito arcaico com a minha visão de aprendizado de Matemática.

França

O senhor passou um período na França. Como foi essa experiência?

Na época, era uma política do CNPq. Não incentivava fazer doutorado no exterior, mas incentivava fazer o pós-doc e, quanto mais rápido, melhor. Só que, como eu era professor da UFG, não dava para chegar aqui e falar: "Eu quero fazer pós-doc". Então, eu voltei, passei mais de dois anos e depois eu saí. Eu achei crucial continuar os estudos no exterior por vários motivos. Primeiro, você vai para um centro de boa qualidade. O pessoal pergunta: "Mas no pós-doc você não fez nenhum artigo com o pessoal de lá?". Não fiz não, mas aprendi muita Matemática. Esse negócio de fazer artigo é importante, mas o fazer por fazer, para mim, não é o principal. Os poucos que fiz me deram muito trabalho. Se isso vai ser relevante ou não, só o tempo para dizer. Em Dijon tinha um ambiente muito bom; hoje está muito menos efervescente, piorou por vários motivos. Primeiro que eles têm poucos alunos, é o que está acontecendo aqui. Na Europa, hoje, para você achar alguém para fazer doutorado em Matemática, é raro. Mas, na minha época, tinham muitos alunos, eu diria que é quase equivalente ao nosso hoje. Na hora do almoço, tinha um grupinho de 10 a 15 professores que almoçavam juntos e o pessoal tinha o hábito de voltar e fazer o café. Então, eu aprendi muita coisa da cultura francesa ouvindo eles e tentando aprimorar o francês. Ainda hoje tenho contato acadêmico com professores de Dijon, por exemplo, Rémi Langevin, Alain Jacquemard e Gioia Vago.

Como era sua fluência no francês na época?

No IMPA, durante o doutorado, tinha um curso de francês e o professor Antônio Carioca nos "obrigou" a fazer o exame de fluência. Eu fiz o teste só para dar satisfação para o professor. Coitado! Ele ficava ralando lá, vinha de Niterói na barca, chegava suado no IMPA e depois pediu para fazer a prova. Eu ia falar vou fazer não?! (risos) Então, eu fiz e passei no teste. Foi engraçado que, na época, tinha a parte oral, escrita e de entrevista. Na parte oral, era uma cassete velho que passou, e a máquina emperrou: *bruuuu....* Eram umas vinte turmas fazendo a prova. A nossa turma tinha umas quinze pessoas, sala pequena. Todo mundo ficou espantado e perguntou: "Vai passar de novo?". Eles responderam: "Não, já passou!". (risos)

Mas, para mim, o episódio do francês mais engraçado foi na entrada da UFG no vestibular. Minha inscrição foi feita por procuração, porque eu não morava aqui em Goiânia, eu morava no interior de Minas Gerais. O vestibular era cinco dias de provas, cada dia eram duas provas. No dia da prova de línguas, eu estava fazendo a outra prova primeiro, e tinha me preparado mais ou menos para fazer a prova de inglês. E eu achava que ia fazer a prova de inglês. O fiscal ficava entrando e saindo de sala em sala toda hora e eu só observando pensei: “O que esse cara está aprontando hoje?”. Lá pelas tantas, ele pergunta: “Quem vai fazer prova de francês?”. Alguém levantou a mão, ele rodou mais um pouco, voltou, chegou na minha carteira e perguntou: “Você vai fazer prova de quê?”. Eu respondi: “Vou fazer prova de inglês”. Eu já estava com a prova de inglês na mão, ele perguntou: “Você já perfurou o cartão?”. Eu respondi: “Ainda não”. O fiscal falou: “Então fica quieto aí que você vai fazer prova de francês”. Eu respondi: “Então me dá essa aí mesmo”. E aí foi uma gargalhada total! O “pior” é que fui aprovado nesse vestibular.

Alunos

Professor Ronaldo, não sei se o senhor sabe, mas o senhor é um pouco celebridade. Tem muita gente que é fã do senhor...

E tem o contrário também! (rs)

Mas tem muita gente que é muito fã do senhor, e a minha pergunta é: o senhor é fã de alguém?

Fã, não diria, mas, na contramão do que você perguntou (depois eu te respondo), eu sei a minha repercussão entre os alunos, que é muito negativa. Não sei quem planta essas ideias, que fala que eu vou reprovar todo mundo. Eu dou o seguinte exemplo, que até na minha família o pessoal brinca. Uma vez, eu dei um curso pra uma turma de bacharelado que tinha quinze alunos. Foram aprovados treze, e era uma turma de bacharelado. Desses treze aprovados, foi bem na época que teve aquele primeiro “boom” das *Bolsas do Milênio*, oito ou dez eram bolsistas. Encontrei com o Marcelo Viana em um evento em São Carlos, aí ele me perguntou: “Você tem gente lá em Goiânia para participar da Jornada de Iniciação Científica?”, e eu falei que tinha. Aí partiu a *Goianada!* Sete ou oito desses alunos. O pessoal assustou. De onde apareceu tanta gente assim de bacharelado? E todo mundo com pôster para apresentar, todo mundo de iniciação científica desse Projeto do Milênio. Então, esse é um exemplo que eu te dou. Eu dei o mesmo curso dois anos depois, tinham treze ou quatorze alunos, aprovaram dois. Isso virou piada de que eu reprovado todo mundo. Claro, o negativo é o que mais passa. Mas eu gosto de ajudar as pessoas que eu acho que são honestas, que são trabalhadoras. Pode ter a dificuldade que tiver, eu atendo com a maior boa vontade. Aluno, se

procurar, minha sala está sempre aberta. Você chega, dificilmente eu falo para vir depois. Eu paro o que estou fazendo e atendo. Mas essa turma, que reprovou, qual o perfil dela? O pessoal não queria estudar. Você dava aula, o cara ia lá, assinava a frequência, depois ia jogar truco. Se fazia a chamada no “meio do caminho”, o cara assinava no último minuto. Alguém avisava pelo celular: “Ó, ele vai passar a chamada agora!”. Aí entravam quatro, cinco. Então, essas coisas, quando tem uma pessoa que você sabe que não vai “pelo jeitinho”, isso pesa negativamente. Mas, por outro lado, também acho que pesa positivamente. No momento que a pessoa vê que ali não vai ter jeitinho, ele não “escora”. Nos meus cursos de graduação, não é de hoje, dificilmente eu reprovoo. A pessoa que não passa comigo, ela não passa de mais de 3,0. Dificilmente, se você olhar nos meus diários, a pessoa que não passa fica entre 4,0 e 5,9. Ou a pessoa mostra que sabe, e vai passando tranquilo, ou é porque ela não sabe mesmo, e fica lá embaixo. E isso é muito relativo, é muito de turma. Não sei o que passa, não tem receita de bolo. Você tem uma turma que rende, e outra não rende.

Aposentadoria

O senhor ainda tem vontade de fazer muita coisa. O senhor entrou no IME em 1985...

Sim, sim, já estou indo embora ...

Existe a questão da aposentadoria e tudo mais, mas a gente tem visto os professores permanecendo como voluntários. Mesmo o senhor achando que já está indo embora, quais são seus planos?

Não tenho ainda. Eu coloquei na minha cabeça, lá atrás, que, quando chegasse na fase faltando dois anos para eu ter o direito, eu pensaria no que fazer. Eu tô nessa fase agora, de pensar. Se eu tiver que aposentar amanhã, eu aposento, mas, normalmente, as pessoas dizem: “Não, não vou aposentar não”. Eu não digo isso porque, no Brasil, quando você tem o direito e chega na hora, acaba que muitos fatores levam você a aposentar. A própria comunidade interna: “Tá tomando a vaga do jovem. Por que não desocupa?”. Agora, uma coisa que eu não penso em fazer, mas também não digo que não vou fazer, é procurar emprego em universidade. Eu não sei se eu tenho essa vontade... ou transferir de local. Existem vários fatores que me fizeram ficar em Goiânia, razões familiares e profissionais. A minha passagem pela Matemática eu acho que foi suave. Nunca tive maiores problemas e até hoje sei muito bem separar o relacionamento pessoal do profissional. Eu posso não gostar do que você faz profissionalmente, por exemplo, mas eu não misturo com o pessoal. Também o contrário, pode ser que eu não tenha nenhuma empatia, mas profissionalmente respeito. Então, eu acho que isso eu consegui fazer bem. E assumi os cargos de direção, por

circunstâncias, porque alguém tem que fazer, e acabei fazendo. Não sei se fiz bem ou não, mas dei minha contribuição.



A entrevista foi realizada dia 02 de outubro de 2019, às 14 horas, na sala do professor Ronaldo Alves Garcia, no IME-UFG, pelas professoras Ana Paula Chaves e Rosane Gomes. O material da entrevista é composto de, aproximadamente, duas horas de vídeo e diversas fotos. Após a entrevista, iniciou-se o trabalho de transcrição do áudio, o que ficou sob responsabilidade das professoras Ana Paula Chaves, Kamila Andrade e Rosane Gomes. A edição final do texto ficou sob responsabilidade da professora Rosane Gomes. Aproveitamos a oportunidade para agradecer a técnica em assuntos educacionais, Chaiane Medeiros, agente de comunicação do IME-UFG, pela revisão ortográfica do texto. O texto final foi enviado ao professor Ronaldo Alves Garcia para o parecer final. A edição dos vídeos e o material de divulgação foram realizadas pelas mãos habilidosas da professora Ana Paula Chaves, o olhar atento da professora Rosane Gomes e o pensamento positivo da professora Kamila Andrade.

© PPG-IME-UFG

Campus Samambaia, 74690-000, Goiânia, Goiás.